



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

**MARIA APARECIDA ALVES DA SILVA**

**AS PERSONAGENS NO ROMANCE JUVENIL TURBILHÃO EM MACAPÁ: UMA ANÁLISE  
DAS SUBJETIVIDADES E DA FICÇÃO DO REAL**

**CAMPINA GRANDE- PB  
2018**

**MARIA APARECIDA ALVES DA SILVA**

**AS PERSONAGENS NO ROMANCE JUVENIL TURBILHÃO EM MACAPÁ: UMA ANÁLISE  
DAS SUBJETIVIDADES E DA FICÇÃO DO REAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes, do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba.

**CAMPINA GRANDE**

**2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Maria Aparecida Alves da.  
As personagens no romance juvenil Turbilhão em Macapá [manuscrito] : uma análise das subjetividades e da ficção do real / Maria Aparecida Alves da Silva. - 2018.  
31 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."  
1. Análise literária. 2. Sociedade brasileira. 3. Subjetividade. 4. Ficção da realidade. I. Título  
21. ed. CDD 801.95

MARIA APARECIDA ALVES DA SILVA

AS PERSONAGENS NO ROMANCE JUVENIL TURBILHÃO EM MACAPÁ: UMA ANÁLISE  
DAS SUBJETIVIDADES E DA FICÇÃO DO REAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para a obtenção de título de  
Licenciatura Plena em Letras, habilitação  
Língua Portuguesa, pelo Departamento de  
Letras e Artes, do Centro de Educação, da  
Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em: 21/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

*Ana Lúcia Maria de Souza Neves*

Prof. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves- (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Marcelle Ventura Carvalho*

Prof. Me. Marcelle Ventura Carvalho  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Rosângela Maria Soares de Queiroz*

Prof. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, que está comigo em todos os momentos.  
O meu esposo, pelo incentivo e companheirismo.  
Ao meu filho, alegria da minha vida.

DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que sempre se fez presente em todos os momentos de minha vida.

Ao meu esposo João Paulo, pela compreensão e ajuda durante todo o percurso enfrentado.

As minhas irmãs, Deilza, Vanda, Maria das Dores e Adeilma, pelo incentivo e força nessa jornada tão árdua.

As minhas amigas, Geane e Mônica, que estiveram sempre presentes e colaboraram durante todo o curso de inúmeras formas. Vocês sempre estarão guardadas em meu coração. Obrigada amigas!

A minha orientadora Ana Lúcia Maria de Souza Neves, pela paciência e colaboração durante todo trabalho de conclusão do curso e pelas disciplinas ministradas por ela, que me deram subsídios para alcançar tal mérito.

Aos demais professores, que mais do que professores foram colaboradores e me ajudaram a crescer como graduanda.

A banca examinadora formada pelas professoras Rosangela Maria Soares de Queiroz e Marcelle Ventura Carvalho, por terem examinado o meu trabalho, dando-me oportunidade de melhorá-lo, ajudando-me a crescer em minha graduação.

A minha mãe Antonia em especial, que já não se encontra mais entre nós, com muitas saudades!

“O pessimista reclama do vento.  
O otimista espera ele passar.  
O realista ajusta as velas” (JAF, 2014, p.92)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>ASPECTOS CARACTERÍSTICOS DA LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>CONHECENDO MELHOR A OBRA TURBILHÃO EM MACAPÁ.....</b>	<b>16</b>
<b>3.1</b>	<b>Uma viagem marcada por subjetividades e realismos .....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

# UMA ANÁLISE DAS SUBJETIVIDADES E DO REALISMO NO ROMANCE JUVENIL “TURBILHÃO EM MACAPÁ” DE IVAN JAF

SILVA, Maria Aparecida Alves<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho corresponde a um estudo do romance juvenil *Turbilhão em Macapá* (2014), do escritor Ivan Jaf. Trata-se de uma narrativa que aborda o conflito entre pais e filhos, no caso entre um pai e uma filha pré-adolescente. João, publicitário de quarenta e dois anos, que, para se aproximar mais da filha, decide viajar com ela do Rio de Janeiro para Macapá, no norte do Brasil. A justificativa para a viagem é a busca por encontrar a resposta para um desafio, baseado em um fenômeno da física. Paralelo ao relacionamento familiar, o livro retrata várias questões da sociedade brasileira como a desigualdade social, a violência e o consumo exagerado. Com este estudo procuramos mostrar que é possível fazer a leitura da obra a partir do que Beatriz Jaguaribe (2010, p.2) chama de “Ficções do real”, cuja característica principal é buscar “representar a realidade ou a “vida como ela é”. Para tanto, realizamos uma análise da obra, enfocando a crônica do cotidiano brasileiro vivenciado pelas personagens pai e filha a fim de refletir sobre as subjetividades dos sujeitos frente à realidade retratada. A discussão encontra-se embasada nas contribuições de: Jaguaribe (2006), Valente (2008), Riche (1999), Bauman (2003) e Molon (2011), dentre outros. Constatamos que o livro prende a atenção durante a leitura e incita no leitor questionamentos, convidando-o através da ficcionalidade para a leitura crítica da realidade brasileira. Além disso, não demonstra uma preocupação em pedagogizar, deixando para o leitor a reflexão da obra, sem forçá-lo a ter um único ponto de vista, mas deixando-o livre para desfrutar da leitura.

**Palavras-Chave:** Turbilhão em Macapá. Ivan Jaf. Ficções do real. Subjetividades.

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação de Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email:mariaapalves16@gmail.com

## 1- INTRODUÇÃO

Ivan Jaf nasceu no Rio de Janeiro. Em 1957, iniciou duas faculdades, de Jornalismo e Filosofia, mas não completou nenhuma delas. Viveu durante três anos na Europa e começou a escrever quando se interessou por uma máquina de escrever que estava em uma feira de antiguidades em Londres. Mas, é ao voltar para o Brasil que ele começa a desenvolver bem mais o seu trabalho. O primeiro livro foi uma seleção de poemas filosóficos que o escritor vendeu informalmente. Ele também trabalhou com vários gêneros entre estes roteiros para histórias em quadrinhos de terror durante muitos anos, já que tinha bastante facilidade em descrever as cenas, especializando-se em escrever literatura infantojuvenil.

Jaf, também foi premiado como roteirista de cinema em 1998, pelo *Sundance Institute* com o roteiro do filme *Maleita*. No ano de 1997 fez uma adaptação para o teatro do romance *Outono do Patriarca*. Fez ainda adaptações de vários livros de escritores já consagrados do nosso cânone a exemplo do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, adaptado para o público infantil. Adaptou ainda para os quadrinhos alguns livros clássicos da literatura brasileira como: *A Escrava Isaura*, *O Guarani* e *O Cortiço*. Sua obra de maior repercussão foi *O Vampiro que descobriu( 1999) o Brasil*, na qual o autor conta os quinhentos anos de história do país através da visão de um vampiro.

Ivan Jaf, em paralelo escreveu mais de 200 obras de ficção voltadas para o universo infantojuvenil, mais de 60 foram publicadas, recebendo vários prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil (FNLIJ) e da União Brasileira de Escritores (UBE). Como objeto de estudo, selecionamos o livro *Turbilhão em Macapá* (2014), que retrata, como boa parte das obras de Jaf, o realismo dentro da literatura infantojuvenil. O romance faz parte de uma coletânea conhecida como: *Barco a Vapor*.

O livro *Turbilhão em Macapá* apresenta uma estrutura narrativa que lembra as “Narrativas de viagem” clássicas como as de Jonathan Swift, Marco Polo, Charles Darwin, Jules Verne ou Joseph Conrad, marcadas por aventuras reais ou imaginárias, que projetam, nas obras, a realidade social da época e, ao mesmo tempo em que conduz o leitor em uma “viagem” fantástica, desafia a inteligência e a criticidade do juvenil leitor.

No entanto, a nosso ver, na narrativa contemporânea, há um maior investimento na “realidade”, trazendo um tema que permeia o universo do jovem, a relação pai e filha, associada às consequências da desigualdade social e do consumismo na sociedade.

O livro possui 144 páginas e está organizado em 13 capítulos curtos (entre quatro e dez páginas). Apresenta fontes e margens grandes, que valorizam a imagem das palavras e facilitam a leitura. As ilustrações se apresentam sob a forma de desenho à mão nas cores branca e preta, convergindo, de maneira coerente, para os significados sugeridos no texto.

De acordo com Jaguaribe (2006, p.223) “[...] a narrativa ou imagem realista nos diz que está em sintonia com a experiência presente, que ela traduz a equiparação entre a representação do mundo e a realidade social”. Ainda com relação à produção literária contemporânea, Schollhammer afirma:

A literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior; o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico. (SCHOLLHAMMER, 2009, p.15).

Assim, temos no livro em estudo essa representação da realidade, que faz pensar sobre a vida e sobre o quanto a realidade social pode influenciar na vida do ser humano, trazendo as questões sociais, mas não se esquecendo das questões íntimas relacionadas às subjetividades do (s) sujeito (s).

No livro *Turbilhão em Macapá* está retratado este olhar para o exterior, sem relegar a um segundo plano os conflitos interiores das personagens. Diante do exposto, a pesquisa recorre ao trabalho analítico dessa escrita crítica realista que se manifesta agora não mais voltada para o imaginário, mas para o que é “real”, o dia a dia com seus desafios e superações.

A concepção de “real” aqui adotada parte da perspectiva de que, “A realidade é socialmente fabricada [...] é a percepção de que os imaginários culturais são parte da realidade e que nosso acesso ao real e a realidade somente se processa por meio de representações, narrativas e imagens” (JAGUARIBE, 2006, p. 222).

Desse modo, pretendemos com a análise da obra *Turbilhão em Macapá* (2014), de Ivan Jaf, responder a seguinte questão: Como a realidade representada na obra influencia na subjetividade das personagens?

A análise foi desenvolvida com base em uma pesquisa bibliográfica, centrada no estudo do livro juvenil *Turbilhão em Macapá*, em que o corpus de estudo se volta para

os aspectos da subjetividade e do realismo, englobando as questões sociais discutidas na obra.

Este trabalho está dividido em dois tópicos. O primeiro se refere a uma breve abordagem teórica acerca da literatura juvenil contemporânea, situando o leitor sobre os temas mais comuns, os autores em destaque nesse universo, e como essa literatura que se volta para a realidade, pode ser transformadora na vida do jovem leitor.

No segundo tópico, trazemos uma breve explanação sobre o enredo do livro *Turbilhão em Macapá (2014)* para, então, no subtópico seguinte trazer a análise do livro, focando na relação pai e filha, que se mostra através da subjetividade e do realismo, presente na obra como fator influenciador na construção identitária das personagens.

## **2- ASPECTOS CARACTERÍSTICOS DA LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA**

A literatura juvenil brasileira, desde a década de 1970 considerada pela crítica especializada o “boom” da produção para crianças e jovens, alcançou o reconhecimento inclusive internacional, por meio de premiações importantes como o Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura direcionada a crianças e jovens e de muitas traduções em diversos idiomas. Logo, entendemos ser um gênero que cresce a cada dia em qualidade e diversidade temática e estilística.

No artigo de Rosa Maria Cuba Riche, intitulado “Literatura infantojuvenil contemporânea: texto/contexto caminhos/descaminhos”, publicado no ano de 1999, a autora discorre sobre como a literatura brasileira destinada às crianças e aos jovens caracteriza-se a partir das décadas de 60 e 70. Existe assim, uma grande racionalização em oposição ao misticismo e à religião que leva à descrença nas bases institucionais, fazendo com que surgissem grandes mudanças na transição da sociedade moderna para a pós-moderna de modo que a cultura urbana tivesse lugar de maior destaque em relação à rural, surgindo uma sociedade de consumo em que a burguesia estava em alta e a realidade passava a ser vista através dos símbolos. Segundo a autora, no sujeito se instaura uma crise de valores, nesse lugar em que se encontram urbanização e tecnologia como marcas da sociedade. Os sujeitos passam a questionar as identidades estáveis e se mostram mais complexos. Em sintonia com esta realidade, a literatura brasileira envereda por caminhos novos, refletindo o sistema social complexo da época.

De acordo com Riche (1999), dados de uma pesquisa demonstram que no Sul e Sudeste do Brasil localizam-se a maioria das editoras que produzem tanto literatura adulta como a infantil e juvenil, sendo, para a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, a produção infantil em relação a juvenil ainda bem mais vasta. A produção desses livros é bastante heterogênea, existindo um foco maior para as discussões relacionadas à existência humana e à linguagem/metalinguagem.

Na narrativa infantojuvenil contemporânea afirma Riche, existe uma “fragmentação” que faz com que o leitor participe de modo a suprir os espaços vazios deixados no texto com a sua própria história de vida. Por vezes, essas narrativas utilizam da metalinguagem e da intertextualidade, assemelhando-se a obras não pertencentes ao universo infantil; sua linguagem mostra-se mais coloquial a fim de se aproximar cada vez mais do leitor e em algumas delas as personagens alegóricas e simbólicas servem para discutir valores sociais. Existe, nesse momento, uma literatura voltada para aqueles antes excluídos, evidenciada pela voz das mulheres, negros, índios e crianças, mesclando a ficção com a realidade. Para Riche (1999), a literatura infantojuvenil entra, assim, nas dificuldades da humanidade, refletindo sobre temas cotidianos da realidade humana, de modo bastante amplo.

Apesar dessas novas perspectivas, existe ainda a preocupação de base educacional voltada para a tradição de produzir obras de cunho pedagógico. Mesmo diante da diversidade e da qualidade nas produções dessas obras, a literatura ainda permanece muito ligada à escola, já que está no professor a escolha do livro a ser trabalhado com o aluno. Em alguns desses livros, observa-se um resgate da cultura brasileira em especial, através do folclore.

Os estudos acadêmicos, artigos, dissertações e teses, são apontados pela estudiosa como fundamentais para o reconhecimento do valor da produção direcionada ao público infantojuvenil. No entanto, há ainda muito que se estudar a respeito dessa produção, pois, conforme ressalta Ceccantini:

[...] em um país em que sequer a produção contemporânea da ‘outra literatura’ consegue ser razoavelmente assimilada e deglutinada pelo meio acadêmico, o que tem sido feito em termos de pesquisa voltada para os enormes números, dígitos e cifras que envolvem o universo da literatura infanto-juvenil contemporânea deixa ainda muito a desejar. (CECCANTINI 2004, p.32).

A literatura infantojuvenil constitui-se como espaço amplo do saber. Logo, apesar de desempenhar papel pedagógico auxiliando no desenvolvimento linguístico e na formação dos leitores, sua função não deve ser atrelada meramente ao “pedagogizante”, isto é, preocupada em ensinar modos de ser e agir baseados nas concepções elitistas. Para Perrotti (1986), desde o século XVIII, com a constituição da literatura infantil como texto escrito para crianças, esta vem assumindo um papel pedagógico, no entanto, de acordo com o estudioso, a linguagem literária, pelo seu caráter artístico, possui propostas, diferentes da doutrinação e da catequização do discurso utilitário. A literatura ocupa espaços muito mais diversificados, o da fruição, do deleite e da reflexão crítica sobre a vida, pois, através da literatura, crianças e jovens podem adentrar no mundo do conhecimento, libertando-se da ignorância de aceitar como “real” aquilo que muitas vezes lhes é imposto.

Nesse sentido, a literatura destinada a crianças e jovens permite ao leitor descobrir novos “mundos”, novas experiências e novas formas de ser e de agir, mostrando a realidade através da ficcionalidade, tornando o leitor muitas vezes capaz de resolver conflitos e enfrentar situações desagradáveis que possam surgir em sua existência.

No caso específico da obra juvenil contemporânea, esta busca auxilia o adolescente diante das inquietações características da idade. Nela, o leitor pode ser ele mesmo, pode espelhar-se diante de algo que muitas vezes o representa como ser humano. Apresenta-se como uma literatura que se volta para o presente, explorando situações da existência do jovem. Logo, ao passo que cresce o protagonista, aprende também o leitor, que na identificação com a história consegue encontrar caminhos para a sua própria realidade. De acordo com (MARTHA, 2008, p.16-17):

Nessas narrativas, o que desperta a atenção dos leitores, na ênfase no processo de construção das personagens, é o fato de que a infância e a adolescência não são vistas como preparação para a maturidade, mas enfocadas como etapas decisivas no processo de vida, plenas de significado e valor, portanto. Em outras palavras, as personagens não são construídas como ainda-não-adultos ou já-não-mais-crianças, são portadoras de uma identidade própria e completa. É verdade também que se envolvem em situações que as obrigam a refletir e reformular conceitos que possuem a respeito de si mesmas e do mundo.

Segundo Todorov (2009), a literatura pode auxiliar aqueles que estão tristes, aproximando os indivíduos uns dos outros, modificando-os interiormente para que

possam entender melhor essas mudanças e superá-las mais facilmente. Referindo-se especificamente à produção brasileira contemporânea destinada ao jovem, Martha (2008) ressalta:

As narrativas selecionadas relatam o desabrochar sentimental, a aprendizagem humana dos protagonistas, jovens que buscam o conhecimento de si mesmos e dos outros e participam gradativamente na aventura da existência. (MARTHA, 2008, p. 10).

Percebemos, assim, outra perspectiva de se fazer literatura marcada por um realismo crítico, que faz com que o jovem encontre outras representações de mundo diferente das idealizações, recorrentes nestas produções. A partir das discussões propostas por Jaguaribe (2006, p.223), descobrimos que “se há algum sentido unificador no conceito de realismo é que ele se caracteriza por uma visão de mundo que exclui ou coloca em quarentena fantasias [...]”. Dessa forma, as produções literárias contemporâneas propiciam ao leitor lidar com o “real”, o que se sente e o que se pensa nessa faixa etária da vida, dando mais sentido ao que se lê:

É a partir desse processo que a literatura, na medida em que se mostra como verdadeira experiência de autoconhecimento, pode, então, contribuir na formação do sentimento de identidade de leitores, notadamente, crianças e adolescentes, humanizando-os, no sentido mais amplo da palavra, ainda que, por vezes, as experiências das personagens pareçam estar distantes daquelas vividas pelos jovens em seu ambiente real. (MARTHA, 2008, p. 16).

Entre os temas que permeiam o universo das obras infantojuvenis temos: guerras, trabalho infantil, preconceito, relacionamento pais e filhos, consumismo, *bullying*, violência, entre tantos outros igualmente importantes, além de fazer o indivíduo refletir sobre uma realidade tanto pessoal como social:

A literatura infantojuvenil brasileira contemporânea tem sido capaz de resgatar a história, caminhar pela metaficção historiográfica, trazendo os discursos dos excluídos e esquecidos. Tem sido capaz de caminhar pela diversidade étnica e cultural brasileira, dando espaço para criança imaginar e construir sua subjetividade, lidar com a afetividade, enfrentar dor e conflitos e descobrir a esperança e a alegria (TURCHI, 2006, p.26 *apud* LUFT, 2010, P.1).

Dentre os autores que se destacam na produção literária juvenil temos: *Lygia Bojunga Nunes*, que publicou livros em prosa e que já recebeu vários prêmios, entre eles o Jabuti e o Prêmio Hans Christian Andersen, sendo pela crítica literária

infantojuvenil os mais importantes; *Ana Maria Machado*, considerada pela crítica como a mais versátil *escritora*, recebeu importantes prêmios internacionais e o prêmio *Machado de Assis*, da Academia Brasileira de Letras; *Pedro Bandeira*, que recebeu também o prêmio Jabuti com sua obra “A droga da Obediência” e a Medalha de Honra ao Mérito Braz Cubas; Há ainda muitos outros conceituados escritores, embora não sejam tão conhecidos como os já citados, dentre os quais destacamos: *Antônio Barreto* que com uma literatura regionalista, recebeu o prêmio João de Barros de literatura infantil e juvenil; *Angélica Lopes*, com sua obra voltada para o público adolescente; *Mario Teixeira*, com obras voltadas para o questionamento de preconceitos diversos e também roteirista de séries infantojuvenis, a exemplo de *Ivan Jaf*.

De acordo com Hunt (2010, p.25), “A literatura infantil é diferente, mas não menor que as outras. Suas características singulares exigem uma poética singular”. Assim, notamos que o que realmente existe é uma adequação dessa literatura para o seu público alvo não se configurando inferior a adulta ao passo que temos boas produções tanto na literatura infantojuvenil como na literatura adulta e também produções inferiores em ambas às literaturas, é preciso que se desmistifiquem esses conceitos equivocados sobre a literatura. A respeito do que foi dito podemos perceber:

Do mesmo modo, para muitos acadêmicos, a literatura infantil (que, comoveremos, se define exclusivamente em termos de um público que não pode ser definido com precisão) não é um assunto. Seu próprio tema parece desqualificá-la diante da consideração adulta. Afinal, ela é simples, efêmera, acessível e destinada a um público definido como inexperiente e imaturo. Não é, como certa vez um professor universitário me disse, “um assunto adequado ao estudo acadêmico”. Para o leigo, vincular a cálida e amigável atividade de educar e divertir crianças a qualquer espécie de teoria é como destruir esse prazer. (HUNT, 2010, p.19).

De acordo com Cademartori (2010), o escritor infantojuvenil ao escrever escolhe uma forma de comunicação que se adequa a faixa etária daquele leitor, para atender às suas necessidades e individualidades tanto em nível de estrutura textual como em nível de linguagem. Assim, entendemos que as obras infantojuvenil não são inferiores ou superiores as demais, apenas cada obra literária é voltada para um público alvo e, como já vimos, a literatura juvenil tem o seu prestígio, como é percebido através dos vários prêmios destinados aos autores.

Entendemos, ao longo do que foi explicitado, que essas obras se configuram de suma importância na construção da identidade do jovem, auxiliando, por vezes, em seus conflitos, tornando-os sujeitos mais reflexivos.

### 3- CONHECENDO MELHOR A OBRA TURBILHÃO EM MACAPÁ

O livro *Turbilhão em Macapá* retrata a história de um pai e uma filha, João e Paula, protagonistas da narrativa, que vivem mais separados do que juntos, devido ao divórcio de João com a mãe de Paula e, por isso, só se encontram a cada 15 dias. Certo dia, em razão do fechamento da escola de Paula por uma semana em luto obrigatório pela morte de um traficante da favela próxima, a menina vai passar uns dias com o pai. Paula é uma garota mimada e consumista que vive com a mãe e o padrasto rico na zona sul do Rio de Janeiro, a garota vive em *shoppings* só se preocupa em comprar roupas de *grife* e viajar para fora do país, tendo como roteiro lugares conhecidos pela alta sociedade. Em decorrência do seu modo de vida, não compreende a personalidade do pai, homem bastante criativo e com ideias próprias sobre o Brasil e sobre a vida.

Quando a narrativa tem início, João está em um momento bastante difícil e conturbado já que acabara de perder sua mãe, à qual ele demonstra ter bastante afeição e afinidade, momento de crise emocional e profissional, o personagem se sente bastante vulnerável. Na esperança de se aproximar mais afetivamente da filha, João propõe uma viagem para Macapá, no Amapá e para isso ele faz um questionamento relacionado a um assunto da física, mais precisamente, sobre o efeito Coriolis<sup>2</sup>, dizendo que, em uma pia cheia de água no Hemisfério Norte o líquido gira em direção ao ralo em sentido anti-horário, instigando-a a verificar in loco. Apesar de saber que isso não é uma verdade, o que é descoberto no final da narrativa, João propõe este desafio à filha com a intenção de se aproximar mais dela.

Ao passo que começam a viagem acontecem vários conflitos na trama, já que a filha não aceita o jeito despojado e pobre do pai, ao mesmo tempo, João não aceita que a filha viva nesse “Brasil de mentira”. Assim, o pai percebe que a filha, por viver com

---

<sup>2</sup> A força inercial de Coriolis ou pseudoforça de Coriolis é uma pseudoforça ou força inercial - não sendo portanto uma força na definição do termo - percebida apenas por observadores solidários a referenciais não- inerciais animados de movimento de rotação em relação a um referencial inercial que se afastam ou aproximam do centro deste movimento de rotação. <  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a\\_inercial\\_de\\_Coriolis](https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_inercial_de_Coriolis)>. Acesso em 29/10/2018.

todos os luxos e riquezas, não nota que no Brasil a maior parte da população não tem acesso a nada disso e muitos vivem em total miséria. Os conflitos são gerados através das queixas da filha, por não estar em seu lugar de conforto. Ao longo dessa viagem, a filha vai percebendo que realmente o pai tem razão, ao se deparar com a “realidade” do Brasil em que crianças passam fome, adolescentes usam drogas, estando muitos pelas ruas, sem ter seus direitos básicos preservados. Assim, ambos atravessam grande parte do Brasil e se deparam com algo totalmente fora da realidade “elitizada” da filha ao desembarcarem no extremo norte do país.

É notória a exuberância continental, passam por Belo Horizonte, Brasília, sobrevoam o Pará, a ilha de Marajó, Belém, o rio Amazonas e a Floresta Amazônica, entre suas visitas estão o Marco Zero da linha do equador. Na trajetória das personagens é possível perceber a diversidade cultural do Brasil, pelo fato do pai fazer comentários sobre tais regiões. Muitas vezes é possível perceber que o turbilhão a respeito do efeito *Coriolis* encontra-se na mente de João, que, por vezes, se sente fragilizado diante das incertezas da vida. Ao continuar a viagem, pai e filha conhecem uma família local, que surpreende a filha, já que moram em uma casa de palha, na floresta Amazônica, totalmente afastados da cidade e em intensa pobreza. Neste local o acolhimento da família, a beleza, a paz do lugar aproximam pai e filha. Paula se percebe vivendo momentos de intensa felicidade, mesmo diante de tanta pobreza, desmistificando o seu próprio pensamento de que só a riqueza é o que torna alguém feliz. Nesse momento, o pai confessa a filha que mentira a respeito do efeito *Coriolis*, que só pode ser percebido em grandes massas e não na água da pia como ele havia sugerido. A filha perdoa o pai e revela que o amava e entendia a visão dele sobre a vida vazia que ela levava.

### 3.1- UMA VIAGEM MARCADA POR SUBJETIVIDADES E REALISMOS

*“Esse é o Brasil de verdade. É o Brasil que existe” (JAF, 2014, p.32).*

Percebemos que, por vezes, os personagens parecem deslocar-se de seus papéis, historicamente estabelecidos pela sociedade. A personagem João, que se apresenta na trama como o pai de Paula, não age segundo os padrões de comportamento esperados para a figura do pai: “herói”, “corajoso”, “sem medos”, “o alicerce da família”. Ao contrário, ele se mostra, em vários momentos, confuso, demonstrando dúvidas e incertezas em relação à sua própria identidade, transfigurando-se em seu modo de ser,

percebendo-se em diversas situações conflitantes em relação à sua filha, uma adolescente de 12 anos. Assim, deparamo-nos em um dos trechos da narrativa:

Seu reflexo era como de uma paisagem antiga, que só lhe trazia lembranças ruins. O espelho o desaprovava. Naquele rosto era fácil encontrar a aflição, o medo, a solidão e até o fracasso. (JAF, 2014, p.11).

Notamos que estes momentos se mostram frequentes na relação pai e filha, transformando e confundindo o personagem protagonista, “João”. Então, é através da relação estabelecida entre os dois que os personagens se transformam. O que nos lembra a discussão de Stuart Hall sobre as identidades: “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas” (HALL, 2003, p. 12).

É perceptível em outros momentos da história o sofrimento existencial de João, que passa por “medos” e “aflições”, que normalmente poderiam ser associados à filha, já que se trata de uma adolescente e nesse caso, se explicariam as incertezas e aflições pelas quais se passa normalmente nessa faixa etária da vida, constituída de mudanças físicas e psicológicas, período de abstrações e ideias contraditórias. Assim, muitas vezes notamos no pai características que deveriam estar associadas à filha adolescente:

Ele estava rodando em volta do Maracanã, num grande turbilhão. Indo direto para o Grande Ralo.

Era uma sensação de solidão, de vazio, de falta de esperança, de medo do futuro. Entrou em pânico. Olhava em volta e nada fazia sentido. O mundo era grande demais, assustador demais. (JAF, 2014, p.20)

De modo que se confirma a fragmentação da subjetividade apresentando-se aí como matéria-prima das novas formas de subjetivação. Assim, de acordo com Portela (2008), O mundo contemporâneo faz surgir novas formas de relações entre os sujeitos, mudando a construção da subjetividade, isto é, fazer uma passagem do singular, do único, que é cada um, para o coletivo, para o "é para todos", implica não uma passagem para o universal, mas para a indeterminação e a descontinuidade, o pluralismo e o efêmero. A respeito dessa relação com os outros que provoca modificações nos indivíduos temos:

Como sujeitos, os indivíduos são afetados, de diferentes modos, pelas muitas formas de produção nas quais eles participam - também de diferentes maneiras; ou seja, os sujeitos são profundamente afetados por signos e sentidos produzidos nas (e nas histórias das) relações com os outros. (SMOLKA, 2000, *apud* MOLON, 2011, p.7).

Ao prosseguir, notamos que o pai se sente desconfortável, devido à morte de sua mãe, isso parece um fator que lhe traz à tona muitas angustias em relação à sua vida, o que faz com que ele pareça cada vez mais perdido: “Eu estou numa fase ruim. Órfão. Desamparado. Achando tudo muito estranho. Girando sem sair do lugar.” (JAF, 2014, p.29). A perda da mãe parece gerar uma reviravolta em seus sentimentos a ponto de ele sentir-se perdido em suas angustias:

\_ É a vovó não é? Tá triste porque ela morreu.  
\_ Isso Paula. É isso. A gente fica triste quando perde alguma coisa de que gosta. [...] –Todo mundo acha que só criança fica órfã, mas não é não. Órfão é quem perde os pais. Pode ter setenta anos, fica órfão do mesmo jeito. (JAF, 2014, p.11-12),

Nesta reflexão, notamos a tristeza pela qual passa o personagem e isso é algo que lhe modifica, essa experiência acaba por torná-lo um indivíduo diferenciado ao longo de sua história, que procura na relação com a filha seu sustentáculo, mas que reflete que não a terá também por muito tempo, o que o transtorna cada vez mais:

João começou a fazer as contas. A mãe durara 75 anos. Ele a conhecera por 42 anos. Ela já vivia havia 33 anos quando ele nasceu. Pais e filhos nunca se conhecem inteiramente, ele pensou. Os pais não veem a velhice dos filhos. Os filhos não conhecem a infância dos pais. João só pode conhecer um pedaço da vida da mãe. Da pessoa que ele mais amava, sua filha, também só ia conhecer um pedaço, um pequeno trecho. Paula era um livro que ele não ia poder ler até o fim. (JAF, 2014, p.8)

O personagem revela-se nessa passagem reflexivo em relação à vulnerabilidade da vida e das relações, assim não se sabe o que pode acontecer, tudo é transitório, o tempo passa e com ele leva muito do que há em nós e do que achávamos que possuíamos, trazendo à tona o relativismo das relações com os outros e da própria existência. Na realidade todos esses acontecimentos modificam o personagem interiormente, revelando-se como um sujeito cada vez mais diferenciado da figura forte paterna:

Uma vida dedicada à procura da identidade é cheia de som e de fúria. “Identidade” significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular — e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E, no entanto, a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. (BAUMAN, 2003, p.21).

Notamos deste modo, que a “identidade” não é fixa, ela se abre a um leque de possibilidades e diversidades a depender das interações entre o sujeito e as relações sociais que ele mantém. De modo que as “identidades” não estão estagnadas, estão sempre em constantes mudanças, em conformidade com a sociedade, que não está parada ela é viva e transformadora. Para Posting (*Apud* MOREIRA E JESUS, 2010), a construção da identidade é proveniente de uma gama de vastas identificações que o indivíduo faz durante toda sua vida. Dessa forma, ele vai se construindo a partir das mais variadas experiências vivenciadas ao longo de toda a sua trajetória humana.

Ao seguir em viagem para Macapá, no Amapá, as personagens vão se conhecendo e aprendendo a respeito do contexto social do país. João percebe que a filha é uma grande consumista e que sua vida gira em torno do que o dinheiro pode proporcionar, já que o padrasto dela é rico, dono de várias academias de ginástica e essa convivência faz com que Paula se torne uma pessoa totalmente diferente do que ele sempre imaginou. Assim, o personagem João ao longo da viagem vai mostrando a filha o que seria o “Brasil de verdade”. De início Paula reclama de tudo, inclusive de onde o pai mora, para ela a Tijuca, na Zona Norte do Rio de Janeiro, é o “fim do mundo” e para ela o pai quer com essa viagem levá-la para além do fim do mundo, como se isso fosse uma espécie de castigo:

\_ Eu não vou pra esse fim de mundo!  
\_ O fim do mundo não é aqui na Tijuca?  
\_ Ah, já entendi. Tá me castigando! Falei mal do teu bairro e você quer me levar prum fim de mundo ainda mais pro fim! O fim do fim do fim do mundo! .”( JAF, 2014, p.22).

Notamos que o pai não possui um relacionamento muito fácil com a filha, ambos discordam um do outro, talvez devido ao fato da filha só vê-lo a cada quinze dias, esse distanciamento fazia com que Paula se voltasse para os costumes da mãe e do padrasto que viviam em uma vida de luxo, superficial, totalmente desvinculada do universo de

João, o que parecia não ajudar muito nesse relacionamento entre os dois, muito menos na identificação de Paula com o pai. Dessa forma, havia o fator social contribuindo para essa realidade e esse afastamento entre os dois. Para João: “Havia um preconceito enorme das pessoas da zona sul em relação à zona norte. Era a “elite” de um país pobre descontando sua frustração nos “suburbanos.” (JAF, 2014, p.19). Assim, sobre essa realidade social:

À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (...) Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutua livremente" (HALL, 2003, p.74-75)

Entendemos que a personagem Paula, passa por essa exposição à cultura da mãe e do padrasto, que a leva a construir sua identidade através dessas relações de consumismo do mundo moderno. Assim, se mostra em outro trecho da narrativa em um diálogo entre pai e filha, quando o pai sugere que eles viagem para Macapá, a fim de ver para que lado a água gira no ralo naquela região, o chamado *efeito Coriolis* e a filha pede para irem a Disney:

\_ Então vamos pros Estados Unidos! Vamos pra Disney! Pra Nova York!Pra algum lugar legal!

\_ Você já esteve na Disney. Você foi a Miami o ano passado!

Ele disse aquilo com raiva. Ela tinha ido com a mãe e o padrasto e voltara “deslumbrada.”

[...] \_ Não tem problema, pai, Eu volto lá, numa boa. Troca as passagens. É tudo hemisfério norte. A gente enche uma pia lá em Miami. E usa espuma de barba americana. É muito melhor. (JAF, 2014, p.27).

Percebemos que a personagem Paula propõe ao pai uma relação em que se evidencia o consumismo como algo gratificante, o que já parece acontecer na relação dela com a mãe e o padrasto, seria um tipo de recompensa por estar viajando com o pai:

O fetichismo das mercadorias (as relações humanas aparecem como se fossem relações entre coisas) exemplifica a experiência moderna da desorientação, a ignorância sobre as consequências de nossas ações e dos mecanismos do mundo. O mundo racional (desencantado) é

simultaneamente encantado. A troca de mercadorias, o mercado enche o mundo de aparência fantasmagóricas. (HELLER, 1995, *apud* JAGUARIBE 2006, p.226).

Em outros momentos da narrativa, é possível ver João tentando convencer Paula de que algumas pessoas, assim como ela, vivem nesse individualismo do mundo moderno, que faz com que não percebam o que realmente se passa a sua volta, vivendo em seu próprio “mundinho ideal”. Isto nos faz lembrar a visão de Bauman (*Apud* TAVARES e VARGAS 2017, p. 160), segundo a qual, o capitalismo se configura como um parasita que espera seu hospedeiro para se instalar e se alimentar, sempre procurando novos hospedeiros, para assim garantir a sua existência. Nas palavras do personagem João:

\_ Na minha agência de publicidade temos os aparelhos mais modernos, os programas de computação mais avançados, estamos ligados a satélites artificiais... mas para chegar lá eu passo por gente comendo lixo. O Brasil é isso, Paula. A gente pode ver o futuro tecnológico e o passado das cavernas. Conviver com a riqueza planetária e tropeçar na miséria absoluta. (JAF, 2014, p.32).

A narrativa focaliza o empenho do pai tentando mostrar à filha a realidade desigual e injusta que caracteriza a sociedade brasileira, já que, para ele, a filha vive em um “Brasil de mentiras”. Então, o pai dialoga com Paula durante quase toda a narrativa na tentativa de explicar o contexto social do país e tentar transformar o modo de pensar e agir da jovem, utilizando, algumas vezes, a linguagem empregada pela filha: “O Brasil tá do lado de fora dos *shoppings*. Se você tem dinheiro, cria um pequeno paraíso artificial, um escritório, um condomínio fechado, mas isso é só um pequeno balneário, cercado pelo “fim do mundo””. (JAF, 2014, p.32).

Segundo Bauman (2001), o consumo voltado apenas para satisfazer os desejos serve como referência para as novas identidades fazendo estas se tornarem líquidas. De modo que a personagem Paula constrói sua identidade através das realizações proporcionadas pelo consumismo, o que torna sua “realidade” totalmente divergente do pai, que percebe o consumismo desenfreado da filha, bem como de muitos que fazem parte da elite, como algo muito devastador, o que faz com que João tente a todo custo mudar esse destino da filha.. “[...] Precisava alterar seu destino. Paula estava se tornado uma menininha idiota da zona sul, cheia de caprichos, vivendo num Brasil de mentira.” (JAF, 2014, p.22). Para João, o Brasil de verdade, não tinha nada a ver com a vida de viagens, *shoppings* e roupas de grife que Paula conhecia. De modo que podemos

perceber ao longo da viagem de Paula com o pai essa visão do que realmente é o Brasil, e alguns dos problemas sociais existentes em nosso país:

O calor derretia o asfalto. Paula sentia-se desconfortável. O jeans apertado demais, o tênis colorido importado, camiseta e relógios caros, tudo chamava muito atenção. [...] O mercado popular era uma sucursal do inferno. A prefeitura enfileirara centenas de camelôs, com corredores de um metro entre eles, e cobrira tudo com um telhado de zinco. Calor de quarenta graus e um barulho insuportável. Gritos. Música evangélica, rap, contra-bando e pirataria [...] Passaram por uma fila de policiais federais que tinham acabado de confiscar CDs e tênis sem notas fiscais. A poucos metros dali, um grupo de camelôs se armava com pedras e pedaços de pau. Mulheres xingavam e jogavam latas de cerveja vazias na polícia. (JAF, 2014, p.40).

Notamos cada vez mais que este contexto social aparece como a mais dura realidade, fazendo o leitor refletir sobre a realidade social do País. Assim, o jovem leitor poderá ser capaz de experimentar fatos que se relacionam à sua realidade social. A respeito da crítica à sociedade de consumo, Bauman discorre:

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do “sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. (BAUMAN, 2008, p.20.)

Entendemos, então, que a narrativa em tom de crônica, denuncia através das situações vividas por pai e filha, os males da sociedade capitalista e consumista em relação principalmente, aos menos favorecidos, mas, chamando a atenção para o fato de os abastados também serem atingidos. É como percebemos em outro momento que Paula fica sem estudar devido à criminalidade:

\_Você agora podia estar na sala de aula, com ar-condicionado, com suas amigas ricas, bem vestidas, mas os traficantes mandaram a diretora fechar a escola por uma semana. Viu? Esse é o Brasil de verdade. É o Brasil que existe. Não mais adianta fugir dele daqui pra frente. (JAF, 2014, p.32)

O exceto mostra que, mesmo fora dessa realidade, por pertencer a uma parte privilegiada da sociedade, Paula ainda vê seu “mundinho artificial” ser atingido pela

parte social menos favorecida. Apesar de tudo, Paula se mostra mais horrorizada que compreensiva em relação ao pensamento do pai.

Para (Bauman, 2001, p.62, grifo do autor *apud* FRAGOSO 2011, p. 123) “A verdadeira libertação do ser humano não irá ocorrer na época do desengajamento e da liberdade do consumidor, mas a verdadeira libertação requer hoje mais, e não menos, da ‘esfera pública’ e do poder público”

À medida que a viagem se prolonga, durante a narrativa, as personagens vivenciam experiências também gratificantes, em relação às belezas naturais do país. Mas mesmo assim se deparam com a triste realidade do mesmo, que mostra esse contraste entre a beleza da região e ao mesmo tempo os problemas sociais associados à exploração da natureza para a manutenção dos elevados níveis globais de consumo:

O dia amanheceu maravilhoso. O céu completamente azul. Uma arara, solta, tomava sol sobre o telhado de palha do bangalô.  
 [...] A chuva lavara as cores e os cheiros. Tudo parecia brilhar e os perfumes das flores atraía beija-flores enormes.  
 [...] Caminharam pela rua da pousada, direto, até o centro. Era quarta-feira e o comércio já funcionava, com em qualquer lugar do mundo. Bares, firmas de contabilidade, escritórios de advogados, imobiliárias, barracas vendendo abacaxi e melancia, crianças pedindo dinheiro, muitas marcenarias e lojas de móveis...  
 \_ Olha aí a madeira da Amazônia \_ João apontou.  
 \_ Todo mundo é contra o desmatamento, mas adora uma madeira de lei. (JAF, 2014, p.89-90).

Notamos o descontentamento de João que, o tempo todo, consegue visualizar essa cultura consumista da modernidade: “A cultura do consumo conforme explica Campbell, reúne tanto a lógica calculadora da produção de mercadorias visando o lucro quanto a fabricação publicitária que fomenta a sedução dos objetos.” (JAGUARIBE, 2006, p.226). Daí o personagem adentra, mostrando a questão do turismo como impacto da revolução industrial, focando agora em contextos diferentes dos problemas sociais do Brasil, levando o leitor a se aprofundar também nessa viagem ao conhecimento histórico:

[...] Olha o que o turismo faz. Eu queria encontrar a beira do rio Amazonas, só encontro cenários, [...] \_ O turismo começou no século XIX, sabia? Antes disso não existiam turistas. Essa praga surgiu com a revolução industrial.  
 [...] \_ olha só. Eles acham que isso é lazer, mas é a continuação da linha de produção industrial: viagens produzidas em série, para lugares padronizados, com os mesmos grupos, os mesmos roteiros, os locais de visitação programados, os hotéis reservados. E quanto mais viagens mais *status* social. (JAF, 2014, p.102-103).

Percebemos que os personagens desfrutam da beleza local, mas sobretudo o personagem João não deixa de analisar os problemas sociais atrelados a estes. A respeito do modo de construção da narrativa, mostra-nos (JAGUARIBE 2006, p.231): “Enquanto engendram as críticas sociais ao mundo social esses romances abalizam o realismo como forma interpretativa da realidade”. Percebemos na obra em estudo que a realidade descrita e analisada criticamente funciona como elemento propulsor da narrativa.

Enfim, notamos ao final da trama que os personagens vão saindo um pouco dessa visão consumista e passam a viver as belezas locais associadas as mais belas paisagens, nos fazendo viajar e desfrutar também nesse universo de conhecimento acerca do país:

O rio Araguari margeava a estrada. Praias de areia clara, águas claras, mansas, esverdeadas. Depois corredeiras. [...] A floresta finalmente chegou à beira da estrada. Podiam sentir seus cheiros ouvir seus sons. Os imensos troncos ladeavam a rodovia, trazendo sombra, formando um túnel verde.  
(JAF, 2014, p.120).

A partir desse momento, as personagens começam de fato a desfrutar da viagem, retratando as paisagens exuberantes existentes no Brasil e a riqueza humana e cultural da região. Ao se deparar com uma família local, a personagem Paula vivencia algo jamais experimentado antes, o acolhimento de uma família pobre, que aparentava não ter nada, pelo menos não de bens de consumo, mas que tinha tanto a lhe oferecer, despertando a mudança no interior dos personagens e valorizando a realidade daquele lugar:

Não tinham tevê, nem rádio, nem geladeira. Não tinham luz elétrica. O chão era de barro socado. Dormiam em redes. A varanda era como um toldo de lona de caminhão. Cozinhavam num fogão a lenha, do lado de fora a sombra de um pedaço de telha de amianto. [...] As Paulas conversavam sem parar. Mexiam com um papagaio desbocado, solto no terreiro. Ciro se mostrava para a visita bonita, segurando um lagarto pequeno no pescoço. (JAF, 2014, p.124-126).

Tudo isso faz com que Paula se esqueça totalmente da sua vida de luxo, através do encantamento agora presente na mesma por aquele local tão diferente dos idealizados por ela antes, o que a leva a se deslumbrar mais uma vez, só que agora não mais por bens materiais: “[...] A filha de João vinha com os olhos bem abertos, de braços esticados. \_ Eu vi um Jacaré! Um jacaré deeeeeeste tamanho!” (JAF, 2014, p.128).

Percebemos, no decorrer da narrativa, as mudanças que vão ocorrendo nos personagens. Fazendo sobretudo a personagem de Paula perceber que a felicidade não se resume aos bens de consumo, transformando a relação entre pai e filha através desta aproximação com a natureza e com aquela família tão distinta das que pertenciam ao universo dos personagens: “Num pequeno momento, enquanto cantava, João olhou para a filha e viu que ela o admirava” (JAF, 2014, p.130). É perceptível em outro momento no desfecho da narrativa, esse aprendizado e o crescimento das personagens através dessa transformação e da aproximação da filha com o pai, que antes era de conflito e agora se manifesta na identificação:

— Eu tenho sido uma idiota. Você me mostrou isso. Uma patricinha. Cheia de caprichos. Reclamando de tudo. Vivendo como uma personagem de filme americano da sessão da tarde. Mas eu sempre soube. Eu sou uma estranha[...]Eu uso roupas desconfortáveis, vou a lugares que detesto, conheço um monte de pessoas falsas. Uma vez em Búzios, eu fui ler um livro num canto afastado e a dona de casa veio me perguntar se eu estava triste...No fundo eu nunca me senti bem, mas nunca soube o que tava acontecendo. Tinha medo de saber que eu sou estranha. Agora sei[...] Eu sou sua filha cara.[...] É de você que vem esse meu lado estranho. (JAF, 2014, p.135- 136).

Em outra parte da narrativa se confirma essa aproximação entre pai e filha e a mudança interior da personagem que não entendia o porquê de se sentir às vezes diferente daquele grupo do qual pertencia, fazendo com que ela agora pudesse refletir sobre tudo que o pai lhe mostrara e lhe falara durante a viagem pelo interior do Brasil:

Você viu o seu Vítor? Ele ficou feliz com macarrão! E os biscoitos de chocolate?  
A Paula tem a minha idade e fica feliz com biscoitos de chocolate! É uma gente linda! E eu fico irritada quando não tem geleia de damasco! [...] Eu te tratei mal porque fiquei com medo de reconhecer... No fundo sou igual a você, pai. Quero aprender a ser assim. Tenho um monte de pensamentos estranhos que nem os teus, sabia? Eu quero passar mais tempo com você, cara. (JAF, 2014, p.136- 137).

Desse modo, podemos compreender essa narrativa como enfatiza JAGUARIBE (2006):

O surgimento dos novos realismos na literatura, fotografia e cinema nos séculos XX e XXI atestam uma necessidade de introduzir novos “efeitos do real” em sociedades saturadas de imagens, narrativas e informações. Estes “efeitos do real” serão distintos daqueles do século XIX, não se pautam somente na observação empírica ou distanciada,

mas promovem uma intensificação e valorização da experiência vivida que, entretanto, é ficcionalizada. (JAGUARIBE, 2006, p. 232-233).

Dessa forma notamos que a narrativa se volta para a realidade social, não deixando de mostrar essa troca de experiências vivenciadas pelas personagens e esse crescimento que modifica e transforma suas vidas de modo bastante intenso, nos fazendo refletir sobre as relações humanas: “Paula deu um pulo para o lado e abraçou João, com toda força. Ele apertou a filha no braço e de repente o Amapá fez sentido.” (JAF, 2014, p.138).

A obra em estudo aborda a temática da viagem, comum na tradição literária destinada aos jovens, tematizada em obras como *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift; *Viagem ao centro da terra*, de Júlio Verne; *A extraordinária jornada* de Edward Tulane, de Kate Di Camillo e *A grande viagem*, de Mirna Pinsky. No entanto, o mundo para o qual as personagens viajam não se configura como onírico, fantástico, mas invisibilizado, esquecido e abandonado. Além disso, na viagem para a região Norte do país, as personagens empreendem também uma trajetória em direção ao próprio âmago, revendo medos, concepções e sentimentos.

As personagens protagonistas embora se assemelhem ao herói das narrativas de viagens imaginárias ao se lançarem em uma jornada desconhecida, motivados por um mistério, não se mostram como o protótipo do herói clássico, marcado pela coragem, segurança e busca da verdade, da paz, da imortalidade, isto é, não apresentam espírito aventureiro nem heroicidade, ao contrário, caracterizam-se como frágeis e perdidos. Além disso, vivenciam uma experiência diferente, pois a ênfase desta jornada está na denúncia da realidade social desigual e injusta do mundo onde vivem, que precisa ser reconhecida para que os conflitos das personagens sejam solucionados.

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura analítica da narrativa *Turbilhão em Macapá* revelou-nos que se trata de uma obra literária que prende a atenção durante a leitura e instiga no leitor questionamentos, convidando-o para partir da ficcionalidade para a leitura crítica da realidade brasileira. Abre amplas possibilidades de leitura, não colocando apenas um único ponto de vista como se percebe nas leituras que têm como função central ensinar, mas deixando para o leitor a função de tirar suas próprias conclusões, para que ele possa

assim, fazer uso do que foi lido a sua maneira, levando-o a compreender sua própria história de vida.

A linguagem é simples, viva e bem humorada, acessível ao leitor e marcada pela presença de diálogos, que torna a narrativa mais ágil e favorece a percepção das diferenças no modo de pensar e de se expressar das personagens (pai e filha), deixando para o leitor a avaliação da postura de cada personagem.

O livro é bastante ilustrado, fazendo com que se reforcem através das ilustrações os momentos vivenciados pelos personagens, favorecendo e proporcionando mais fluidez a leitura também através das imagens.

Percebemos também que a narrativa dialoga com as histórias de viagem motivadas por uma busca, interior e, ao mesmo tempo, exterior. Nesta viagem contemporânea, o imaginário e fantástico é deixado em segundo plano e sobressai o real, invisibilizado, ou seja, a realidade social dos grupos menos favorecidos. O roteiro de viagem não segue por lugares utópicos, mas para a região Norte do Brasil, a fim de mostrar aspectos humanos, culturais e naturais dos lugares visitados.

Nesta trajetória, o personagem adulto age como guia da adolescente que é conduzida para enxergar a realidade de maneira crítica, a partir da aquisição de conhecimentos históricos e sociais. Assim, ao final dessa viagem as personagens adquirem crescimento interior, trazendo para a narrativa a aproximação entre pai e filha seguido do autoconhecimento, levando o leitor juvenil a refletir sobre o universo das relações pessoais, através, da personagem pré-adolescente que ao final da narrativa compreende suas atitudes e demonstra uma transformação pessoal, instigando o leitor a imaginar o que se segue, mesmo depois do final da narrativa, já que o livro não apresenta um final decisivo, assim como acontece com a vida que é feita de continuidades.

## **ABSTRACT**

This work corresponds to a study of the juvenile novel *Tourbillon in Macapá*, by writer Ivan Jaf. It is a narrative that addresses the conflict between parents and children, in the case between a father and a daughter pre-adolescent. João, forty-two-year-old publicist who, to get closer to her daughter, decides to travel with her from Rio de Janeiro to Macapá, in northern Brazil. The justification for the trip is the quest to find the answer to a challenge, based on a phenomenon of physics. Parallel to the family relationship, the book portrays various issues of Brazilian society such as social inequality, the violence and the exaggerated consumption. With this study they tried to show that it is possible to read the work of Beatriz Jaguaribe (2010, p 2) calls it

"Fictions of the Real" whose main characteristic is to seek to "Represent reality or" life as it is " For this, we perform an analysis of the work, focusing on the chronicle of the Brazilian daily life experienced by the father and daughter characters in order to reflect on the subjectivity of the subjects facing the reality portrayed. The discussion is based on the contributions of: Jaguaribe (2006), Valente (2008), Roche (1999), Bauman (2003) and Molon (2011), among others. We note that the book draws attention during the reading and incites in the reader questions, inviting oneself from fiction to a critical reading of the Brazilian reality. Moreover, it does not show a concern in pedagogizing, allowing the reader a reflection of the work, without forcing it to have a single point of view, but leaving you free to enjoy reading.

**Keywords:** Tourbillon in Macapá. Ivan Jaf. Fictions of the Real. Subjectivities.

## REFERÊNCIAS

AZEREDO, Isabel Cristina de Castro. **Hybrid Novel: A articulação entre a palavra e a imagem no romance Luna Clara & Apolo Onze, de Adriana Falção.**2016. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** 1. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed.,2001.

\_\_\_\_\_. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual** / ZygmuntBauman; tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. **Vida para consumo – a transformação das pessoas em mercadorias.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CECCANTINI, João Luís. **Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil.** In: \_\_\_\_\_. Leitura e literatura infanto-juvenil. São Paulo: Cultura acadêmica, 2004.

CRISTÓVÃO, Fernando. (Coord.). **Literatura de viagens:** estudos e bibliografias. Lisboa: Edições Cosmos e Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 1999.

FRAGOSO, Thiago de Oliveira. **Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman**. In: Revista Perspectivas Sociais Pelotas, Ano 1, N. 1, p. 109-124, março/2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/percsoc/article/viewFile/2344/2197>. Acesso em: 20 de julho de 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

JAGUARIBE, Beatriz. **Modernidade cultural e estéticas do realismo**. ECO-PÓS- v.9, n.1, janeiro-julho 2006, p. 222-243. Disponível em: [https://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/viewFile/1070/1010](https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/1070/1010). Acesso em: julho de 2018.

\_\_\_\_\_. **Ficções do real: notas sobre as estéticas do realismo e pedagogias do olhar na América Latina contemporânea**. In: C-legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense. N. 23, 2010. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/148/43> . Acesso em: 20 de julho de 2018.

JAF, Ivan. **Turbilhão em Macapá**. São Paulo: Timbó, 2014.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé. **Novos Autores para Jovens Leitores: tendências da literatura juvenil brasileira contemporânea**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010 (UFRGS). Disponível em: [http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE3847.pdf](http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE3847.pdf). Acesso em: 30 de agosto de 2018.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. **A literatura infantil e juvenil: produção brasileira contemporânea**. In: Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 9-16, abr./jun. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/ACER/Downloads/4744-15195-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

MOREIRA, Ana Paula G.M; JESUS, Maria Ângela G.S. **A Subjetividade Fragmentada**. In: CES Revista. Juiz de Fora: v. 24 312 p. 2010. Disponível

em:[https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2010/00\\_abertura.pdf](https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2010/00_abertura.pdf). Acesso em: 25 de julho de 2018.

MOLON, Susana Inês. **Notas Sobre a Constituição do Sujeito, Subjetividade e Linguagem**. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 4, p. 613-622, out./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n4/a12v16n4>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

PERROTTI, E. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

PORTELA, Marco Antônio. **A crise da psicologia clínica no mundo contemporâneo**. In: *Estudos de psicologia*, Campinas, v. 25, n. 1, p.131-140, jan./mar. 2008. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2008000100013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2008000100013&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 10 de Agosto de 2018.

RICHE, Rosa Maria Cuba. **Literatura infanto- juvenil contemporânea: texto/contexto – caminho/descaminhos**. Florianópolis, v. 17, n. 31, p. 127-139, jan./jun. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br> . Acesso em: 5 jul. 2018.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Carla Damas; ANDRADE, Paulo Fonseca. **Pela criança que ainda existe na gente: a literatura infantil e juvenil segundo Bartolomeu Campos de Queirós**. *Revista Literatura em Debate*, v. 8, n. 14, p. 86-109, ago. 2014.

TAVARES, Frederico; VARGAS, Rosa. **Processos de subjetivação e consumo: uma perspectiva psicossocial**. *Revista Espaço Acadêmico*. N.188. Janeiro/2017.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TURCHI, Maria Zaira (Org.) SILVA, Vera Maria Tietzmann (Org.). **Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006.

VIGOTSKI, L. S. (2000). **Manuscrito de 1929**. In: Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, julho/00, 45-78. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a02v2171.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

<<http://educacaoeculturadigital.blogspot.com/2013/06/conhecendo-o-escritor-antonio-barreto.html>. Acesso em: 05/09/2018.

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ang%C3%A9lica\\_Lopesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ang%C3%A9lica_Lopesa). Acesso em: 05/09/2018.

<<http://www.anamariamachado.com/biografia>. Acesso em: 05/09/2018.